

Biografia de João Inácio Neto

De um total de dez, sou o sexto filho do relojoeiro João Inácio Filho e de dona de casa, Laura Maria Inácio. Confesso que não me recordo desse dia, mas consta da minha certidão de nascimento que o dia 17 de agosto de 1961 foi o que nasci, na cidade de Bonito, no agreste pernambucano. Talvez um dia faça “análise, regressão, transgressão, digressão, progressão”, sei lá, uma dessas coisas que, dizem, nos fazem lembrar do passado. O fato é que, exceto numa foto de pijama como se fosse jogador de futebol e noutra onde mostrava meus dotes físicos, pouco me recordo desde o nascimento até os oito anos. Lembro-me que sonhava em ser cientista, mas bastou cruzar em minha vida um cidadão sem igual, um simples professor de geografia, cujo nome era “José Telegrafista”, para que um mundo novo, uma nova América, surgisse em meus horizontes. Coube a ele me mostrar que um pedaço de fita (película) poderia ser projetado numa parede e ganhar cores na imaginação de muitos.

Sequer sonhava fazer cinema, mas meu professor fez para mim o que hoje chamaríamos de “projedor de slides”, por coincidência eu era amigo do filho do único cinema da cidade (sorte minha que toda sessão era interrompida pelos romper-do filme e eu ganhava os pedaços que sobravam das emendas) e assim ganhava alguns trocados dos amigos de rua, que lotavam a casa da minha mãe para as “sessões de cinema”. Mamãe estendia um lençol branco, eu fechava as janelas e eureka! mágica! Cinema! Lembro-me que certa vez um dos amiguinhos comentou: Porque não se mexe? Fui para trás do lençol, era a cena de um filme de bang-bang e tinha um cavalo branco, e comecei a balançar o pano. Pronto, já tinha movimento. Ainda faltava falar, mas não relinchei. Aí já seria demais. Genial. Um dia ainda vou colocar essa cena que pulsa viva em minha mente, na abertura de um filme. Tudo isso aconteceu por volta de 1971.



Em 1974, ante o falecimento do meu pai, seguimos a tradição nordestina e mudamos todos para a cidade grande, para o Rio de Janeiro. A poesia, a arte, não sei bem se são o meu porto ou minha fuga, mas o certo é que o choque cultural e social foi sem medida e a arte foi um caminho para cruzar o deserto. Por sorte, novamente um professor cruzou moldou o meu caminho Luis Sebastião Pereira Teixeira, professor de português e poeta dos melhores, viu algum valor no que eu escrevia. Ele não se cansava em corrigir e sugerir alterações para os meus primeiros ensaios. O prof. Luiz Sebastião me apresentou seu mundo poético e de Vinicius de Moraes, Ferreira Goulart e Manuel Bandeira. Meses depois, em 1975, para orgulho do mestre, me classifiquei em segundo lugar no “1º Concurso Mace de Poesias”, na cidade de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Em 1979, nasceu meu primeiro livro de poesias, “As duas Faces da Vida “ e, juntamente com um amigo, José Francisco Monteiro, o livro de ficção-científica “Ao Sabor do Infinito “, ambos no inusitado processo conhecido como “cachacinha”, cópias feitas em um velho mimeógrafo à álcool. Minha irmã, Kinha, quem mais me incentivava e digitava cuidadosamente os meus textos e ficava aloprada com o cheiro do álcool. Ainda que de forma amadora, nesse ano comecei meu primeiros ensaios como ator. Em 1981, veio o livro “O Poder da Criação “, anos depois relançado sob o título “Pivete”. Também foi nesse ano que comecei meus primeiros acordes, aprendia a tocar violão e colocar músicas em minhas poesias.



Já em 1982 o inesperado aconteceu, mudei-me para Brasília.

O início da vida na capital do país foi duro, solitário, mas de grande aprendizado. A vida cultural em Brasília sempre foi intensa e em 1983 já estava bem familiarizado com o meio artístico e desenvolvia alguns projetos.

Assim, nesse ano, fui um dos idealizadores e realizadores do “I encontro de Poetas Independentes”. Anand Rao, Zunga, Estela Rodopoulos e muitos outros bons poetas fizeram parte dessa empreitada. O teatro foi uma consequência inevitável de toda minha vivência e nesse ano integrei um grupo Martins Penna, atuando como ator na peça “Chapéu de Sebo”. Ato contínuo, atuei na peça “Hoje tem marmelada”.

Em 1984 participei da coletânea “Escritores Brasileiros - Volume II” (Crisalis Editora). A música há muito fazia parte da minha rotina, mas apenas nesse ano, depois que conheci Ranúzia (e que até hoje é minha esposa e parceira) foi que resolvi mostrar o que produzia a outros e ganhei o prêmio de melhor arranjo (o arranjo foi do maestro Eduardo Carvalho),





A partir de então, inicialmente por influência de Ranúzia e depois por pura convicção, passei produzir obras de caráter cultural e com abordagem cristã. Nesse ano, com direção musical da Ranúzia, dirigi e atuei o musical “O Rei dos Reis”, na Igreja Presbiteriana da Alvorada. Desde então a música ocupou um grande espaço das nossas vidas e durante uns 15 anos nossa atividade mais corriqueira era fazer shows e apresentações. De botecos à grandes igrejas.

Em muitos cantos desse nosso país e até fora dele, a dupla João Inácio & Ranúzia até que foi bem conhecida. Nesse período surgiram os discos Certas Canções (1987, Produção Independente), Sal da Terra Brasis (1993, Gospel Records), O Eterno em mim (1997, Produção Independente), Grata Memória – Vol 1 e 2 (2001, Produção Independente) e Montes (2003, Produção Independente).

Nos anos 90, como havia uma grande efervescência cultural religiosa na cidade, juntamente com o locutor Jairo Ribeiro fui convidado para dirigir o programa Cultura Gospel (Rádio Cultura FM, Brasília, 110,9 Mhz) e permaneci como seu produtor por 13 anos. Mas essa não foi minha única experiência com rádio. A pedido da Ig. Presbiteriana de Brasília criei o programa matutino de rádio “Logo de Manhã” (92 Fm). Nesse período, Juntamente com os artistas Quico Fagundes e Segio Seiffert, organizamos o evento “SOS - Inundações”, com o objetivo de angariar donativos para o nordeste que, na época, estava sofrendo grandes problemas com inundações em vários locais do Estado. Juntamos no mesmo espaço, o extinto Gran Circo Lar, as principais bandas não religiosas (Liga Tripa, Paulo André, etc.) e religiosas (Rodrigo Bueno, Raizes, Atalais de Cristo, Livre Arbítrio, etc.), as tv’s Manchete e Nacional apoiaram divulgando e informando onde os donativos poderiam ser entregues, a Polícia Militar e o Corpo de Bombeiro do DF se encarregaram de atender por telefone pessoas que queriam doar e não iriam ao show, o Banco de Brasília patrocinou as despesas e disponibilizou uma conta corrente para receber depósitos, enfim, angariamos quase 15 toneladas entre alimentos e roupas, Não me recordo quanto foi depositado em conta.



Novo milênio, velhas experiências. Em 2000 escrevi o romance Niara - Um Juiz na Tribo das Águias (MW Editora), que virou audiolivro. Um amigo especial, Valter Junior, que é cego, solicitou os arquivos para que seu “computador pudesse ler o livro” para ele (há programas especiais que possibilitam isto).

Coincidentemente, um conhecido locutor paulista, Paulo Cesar Bonaldo, havia enviado para vários deficientes que usam a Internet para se comunicar, dentre eles o Valter, um e-mail se dispondo para ler textos e poesias, com o fim louvável de ajudar os deficientes. O Valter deliberadamente enviou o arquivo para ele, que começou a gravar o áudio e o devolveu em MP3.

Valter começou a me enviar os arquivos, gostei do que ouvi e comecei a fazer a sonoplastia, tudo isso resultou num inesperado áudio-livro e tem permitido acesso a muitos deficientes que não tem acesso à Internet. Ainda nesse ano recebi da Ig. Presbiteriana de Brasília um convite para que organizasse sua área de comunicação e dessa situação surgiu o programa de TV, Janela para a Vida (Net, Canal Gênese e Rede TV). Juntamente com Christian Dantas, Karina Lobo e Wilson Albuquerque, em 2001 criamos o documentário “O Resto do Mundo”.

Também nesse ano dirigi e montei o curta animado, “Tia Josi”, de Cristian Dantas.

Fui convidado e dirigi o disco Natal Instrumental, das renomadas musicistas Norma Lilian (violoncelo) e Marília Gonzaga (piano). Em 2002 morei um tempo na Nova Zelândia, em 2002 e lá, juntamente com a jornalista Gisah Batista, conheci e produzi o curta documentário “Fé & Fama”, sobre a vida do jogador neozelandês, de rugby, Ali Lauit’iti. Também nesse ano produzi e dirigi o CD “Salmos, as Canções de Deus, do Rev. Adail Sandoval. No ano de 2003 produzi e dirigi o curta “ Monólogo de um pescador”, que foi exibido no VII Festicurtas e ganhei o prêmio de “especial do júri”. Com a criação do programa Janela para a Vida vi-me na situação de ter que ensinar comunicação e tv para vários alunos e como fruto disso surgiu o programa “i9Jovem”, exibido semanalmente no Canal Gênese.

Durante todo esse período, depois do ano 1998, compreendi que o cinema era o meu destino e ser diretor nessa arte passou a ser minha busca. Por isso, desde então vi que ao menos teria que conhecer todas as áreas que perpassam uma produção.

Conclui e me pós-graduei em Comunicação e embrenhei-me em muitas oficinas e cursos para aprender roteiro, direção de fotografia, direção de arte, animação 2D/3D, enfim, tudo que parecia “cinema”... lá estava eu estudando.





Como fruto dessa minha busca, em 2006 produzi e dirigi o documentário Sal da Terra, contando a história do homônimo grupo.

O ano de 2007 trouxe uma grata surpresa, pois fui convidado para produzir o DVD da Banda Expresso Luz, em comemoração aos seus 20 anos de sua existência. No ano de 2008, juntamente com Neander Coelho, produzi e dirigi os documentários “Navegando nas Águas de Deus” e “Naoum”. No primeiro, mostramos a história dos quarenta anos de trabalho social da Ig. Presb. de Manaus junto aos Ribeirinhos da região e no segundo a saga da família Naoum, que saíram como refugiados do Líbano até a instalação de um complexo econômico no país.

Um convite irrecusável recebi em 2010, para gravação do DVD comemorativo de 25 anos de existência da Banda Raízes. Para mim, a maior dificuldade em realizar esse trabalho foi separar o lado “fã” do profissional. Esse trabalho não apenas me propiciou documentar a história de uma das principais bandas do país, como também, em um certo sentido, lembrar parte da minha própria história, pois estive presencialmente na maioria dos momentos desses meus amigos.

Além da produção em si do DVD, constei dele também um breve documentário contando a história da banda e juntamente com o animador Lemuel Massuia produzi a animação SL 148.

Em 2011 larguei a carreira que tinha como executivo de uma multinacional, criei minha própria produtora, de imediato comecei a produção do longa documentário TRUKS e que veio a ser concluído no início de 2012.

Nesse momento, além da conclusão do TRUKS produzi e dirigi os curtas documentários “Tributo de Gratidão”, “Instituto Reciclando Sons” e o clipe “Palavras que amparam”, para o músico Edilênio Souza.

A vida não é um sonho, mas tudo passa muito rápido como um sopro. Olho pra trás e fico surpreso por ver quanto coisa imaginei e Deus permitiu transformar em “coisas que podemos pegar além de sentir”. Deus é bom! E vamo que vamo...

João Inácio
Brasília, Setembro/2012